

De origem grega a palavra em questão aproxima-se sonoramente de outra: *praxe*. Estão juntas nos dicionários. Seriam cúmplices ou descomprometidas? Abertas mais do que alertas para todos os equívocos, não apenas da voz. Porque convivemos cercados e consolidados pelas praxes de todos os hábitos e carências. Rotinas, repetições, automatismos, etiquetas, protocolos, *burrocracias*, mitomanias, as praxes nos sufocam e ao mesmo tempo podem servir (ou estar a serviço) para iludir-nos com máscaras e credences: de um melhor emprego, um novo trabalho ou companhia ilimitada de prazeres e deveres, outros discursos de mais especialização, novas transas e traumas, viagens e miragens em torno de nosso “ego” com e sem os outros, amantes e dementes de praxes. Sem dúvidas. Elas, com certeza, podem ser necessárias. Sobreviveríamos sem elas? As praxes assim como as rotinas, preconceitos e estereótipos fazem parte de nossos aparatos bioecológicos, transpessoais, transculturais e até (ou sobretudo) de nossas máquinas libidinais. Apesar dos eventuais atropelos, incômodos, comodismos e pragmáticos conformismos. Vivemos e convivemos no império (dos sentidos) de quase todas as praxes, apaixonantes ou nada.

Não tenha medo de ser feliz com a práxis

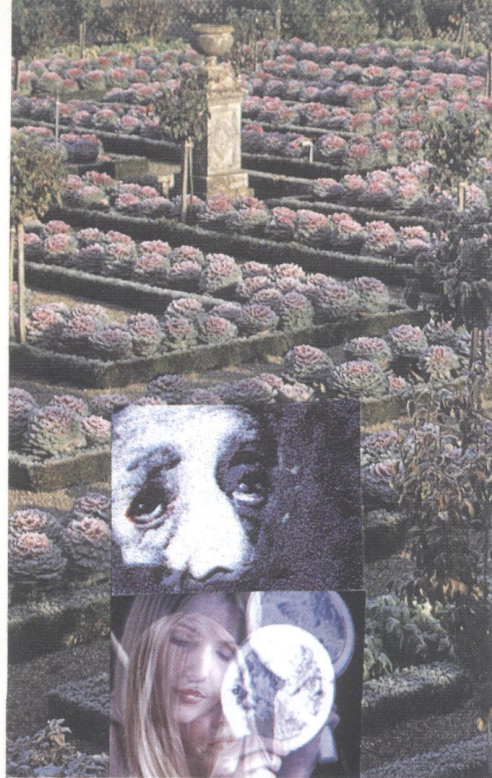
Jomard Muniz de Britto*

Com múltiplas entradas, buracos recorrentes e saídas facultativas ou dificultosas. Mas continuamos querendo mais. Além das rotinas, projetos de auto-superação?

Nossos inconformismos à deriva? Outras utopias? Nossa tarefa de agora: a persistência em *DIALOGOS* tentando ultrapassar algumas de nossas praxes acadêmico-existenciais em busca da releitura ou revisão ou questionamento de conceitos. De atitudes e valores. De criticidade incorporada. Como sabemos, qualquer palavra pertence a um campo simbólico que, por sua vez, se move e se modifica em processo de historicidade. Mesmo que o fraseado possa parecer pedante e não deixa de ser para os mais inocentes – não podemos nem devemos esquecer que a linguagem e a história são interdependentes e intercomunicantes como elos, laços, vínculos



* Prof. Da UFPB e UFPE. Escritor. Autor de *Atentados Poéticos*. Edições Bagaço. 2002.
E-mail: bagacol@uol.com.br



de nossas humanas e até desumanas configurações. Por isso precisamos retomar a dinâmica sociocultural do termo PRÁXIS. Seus desafios e perplexidades. A história dos séculos em segundos, rupturas e continuidades. Restos que permanecem.

Resíduos que nos reconfiguram. Dialéticas no concreto. Retornando aos anos de 1960 do século passado, vamos reencontrar a palavra de origem grega como símbolo,



mais do que metáfora, de todos os movimentos de resistência cultural. Ontem e hoje. Ações e recriações diferenciadoras. Analogia das diferenças sem exaustão. Sem temores. PRÁXIS indicando, sugerindo, problematizando e concretizando as mais diversas atuações socioculturais transformadoras. Com toda ênfase nos verbos: agir, atuar, mudar, modificar, romper as estruturas de praxe dos conservadorismos. Dos "círculos de cultura" na **Pedagogia do Oprimido** de Paulo Freire ao **Teatro do Oprimido** de A. Boal. Do Te-Ato de José Celso Martinez Correa às performances de Vavá Paulino em transes pedagógicos. Da revista PRÁXIS, instauração de Mário Chamie, às editorações do Instituto Maximiano Campos. Do **Bandido da Luz Vermelha** de Rogério Sganzerla ao recente e abissal **Amarelo Manga** de Cláudio Assis. Da **Tropicália** de Hélio Oiticica às intervenções urbanas de Paulo Bruscky. Dos pintores-antropólogos do período **nassoviano**, restaurados pelo Castelo do Instituto Ricardo Brennand, aos desatinos antropofágicos de Adão e Eva pelo **neon-expressionismo** de Sérgio Lemos. Do superoito anarco-revolucionador de Amin Stepple aos **Textículos de Mary**, ao **Telephone Colorido e Orquestra Santa Massa** do DJ Dolores, Helder Aragão.

Dobras e desdobramentos além dos **binarismos**, dicotomias e moralismos, crueldades **barrocós**, falocentrismos, vaginas



Inventer
un nouveau
langage



totalizantes, homofobias e pansexualidades bem dentro dos polimorfismos. Todos os sinais vermelhos e amarelos da PRÁXIS.

Todo o cuidado com os verdes que se querem globalmente marinhos em pactos de morte. Das mais felizes e **sampleadas** contradições **gilbertofreyrianas** aos abismos zerados pelas contra-dicções desautorizadas. Dos **Alhos & Bugalhos** requentados ao projeto coletivo em livro organizado por Gilda Maria Whitaker Verri, **Relendo o Recife de Nassau**. (Edições BAGAÇO). No entre-lugar e entre-expressões dos aristocratismos provinciais-metropolitanos às democratizações cultu-

rais pela **caosmose**. Por toda essa longa diacronia de citações, ainda mais a urgência de repensar Gramsci escrevendo no cárcere do fascismo italiano a expressão “filosofia da práxis” na tentativa de burlar censores e impostores. Gramsci encontrou no Brasil em Leandro Konder um de seus mais legítimos intérpretes. Pela didática das transcrições:

A práxis é a atividade concreta pela qual os sujeitos humanos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva e, para poderem alterá-la, transformando-se a si mesmos. É a ação que, para se aprofundar de maneira mais conseqüente, precisa de reflexão, do autoquestionamento, da teoria; e é a teoria que remete à ação, que enfrenta o desafio de verificar seus acertos e desacertos, cotejando-os com a prática” (**O futuro da filosofia da práxis**: o pensamento de Marx no século XXI, RJ, 1992, Paz e Terra).

Às praxes toda a banalização da praxe. Para a PRÁXIS todos os entrelugares e entre-expressões da historicidade como agenciamento transformativo de novas subjetividades e sociabilidades. Atravessando ou fissurando hegemonias. Outros roteiros. Indefinidamente roteiros. Outras exemplificações, outros nomes como desafio aos leitores, co-autores sem medo de ser agenciadores desta escriDura em termos e nucleações, heranças e errâncias da PRÁXIS. Outros agitos culturais libertários. Dialogicamente.